



Psychê

ISSN: 1415-1138

clinica@psycheweb.com.br

Universidade São Marcos

Brasil

Levisky Léo, David

Depressões narcísicas na adolescência e o impacto da cultura

Psychê, vol. VI, núm. 10, 2002, pp. 125-136

Universidade São Marcos

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Depressões narcísicas na adolescência e o impacto da cultura

David Léo Levisky

Resumo

O autor enfatiza as depressões narcísicas durante a adolescência. Os estados depressivos típicos desta fase do desenvolvimento evolutivo decorrem de desinvestimentos e re-investimentos objetivos e narcísicos do sujeito, na busca da identidade adulta. Estímulos externos a serem incorporados na organização da nova identidade, provenientes do contexto cultural contemporâneo, podem funcionar como elementos facilitadores e contribuir na constituição da organização depressiva e narcísica do sujeito, com feridas em sua auto-estima. Esta organização funcional, dissociada de sentimentos de realização, alimenta a depressão. É cada vez mais freqüente, na clínica psicanalítica, a presença de jovens com quadro de depressão narcísica, nem sempre manifesto do ponto de vista sintomatológico, mascarado por sintomas psicossomáticos ou comportamentais, mas revelado pela pro-pedêutica psicanalítica.

Unitermos

Adolescência; depressões narcísicas; cultura contemporânea; relação *self*/objeto; psicanálise.

Depressão ou depressões? Esta é uma das questões que o tema sugere. Diferentes manifestações depressivas podem ser evidenciadas, tanto do ponto de vista clínico, quanto psicopatológico.

As indagações e tentativas de respostas tornam-se mais complexas quando se evidencia o conjunto de fatores participativos dessas manifestações afetivas: aspectos do desenvolvimento evolutivo das pulsões e suas relações objetivas, os elementos constitucionais, psicodinâmicos, ambientais e culturais, em uma fase da vida como a adolescência.

O afeto depressivo faz parte de flutuações psicológicas e psicofisiológicas que acompanham inevitavelmente a crise da adolescência. Deve-se conside-

rar que, nesse período, inúmeras características psicopatológicas, freqüentemente transitórias, emergem, sem que constituam verdadeiros quadros nosológicos. Núcleos psicóticos, psicopáticos, neuróticos, manifestações psicossomáticas, alterações do humor são freqüentes durante a adolescência e podem estar acompanhadas de reações depressivas. Essas manifestações sintomatológicas e psicopatológicas devem ser observadas quanto à sua intensidade, duração e repercussões na personalidade. Podem ou não evoluir para quadros clínicos e funcionais rígidos e estruturados.

Jeammet (1985) salienta que *depressão* é um dos termos mais ambíguos da nosologia e que é utilizado para nomear um sintoma, um conjunto de respostas fisiológicas, uma síndrome clínica e uma entidade nosológica. É preciso também distinguir o afeto, tristeza, dor e elaboração pela perda de algo querido, de depressão – condição emocional prolongada, que atinge vários aspectos da personalidade.

A psicopatologia psicanalítica da depressão possibilita discriminar alguns fatores e modalidades de organização metapsicológica que interferem na gênese dessa manifestação afetiva.

Na adolescência, as manifestações depressivas são freqüentes em função das perdas infantis, do processo de dessimbiotização, de des-investimento e re-investimento afetivo, e de uma rede de questões narcísicas pela qual passa o jovem durante o processo evolutivo, na busca de sua identidade adulta.

Nesta oportunidade, o enfoque será sobre as depressões narcísicas do adolescente e as implicações da cultura contemporânea na geração e manutenção de estados depressivos de natureza predominantemente narcísica.

Caso clínico

Abro a porta e me deparo com um príncipe: estatura mediana, corpo atlético sem exageros, cabelos presos atrás da cabeça, formando longo “rabo de cavalo”. Andar altivo, soberbo, pleno de dignidade e confiança. Associo com o cerimonial de coroação de Eduardo VI (Mark Twain), em *O príncipe e o pobre*. Pele alva, rosto ambíguo, masculino-feminino, olhos pequenos e rasgados de tipo indígena. Estampa discreto sorriso, contraposto por pequenas e esporádicas contrações faciais reveladoras de tensão. Barba bem feita e vaidade no trato com o próprio corpo. Gestos lentos e graciosos, camiseta sem gola, calções largos e sandália havaiana. Estende-me a mão em um cumprimento

polido, pouco comum entre a moçada. Retribuo e o príncipe senta-se em sua poltrona habitual. Cruza as pernas. Coloca-se na posição de *O pensador*, de Rodin. Silencioso, aguarda. A cena me impressiona.

Surpreende-me o aspecto majestático, inusitado, do encontro pleno de serenidade, altivez e aparente segurança. Na sessão seguinte, prosseguimos conversando sobre a originalidade de seus pensamentos: uso de drogas e visão filosófica do mundo. Reflexivo, defende a tese de liberação total das drogas; critica a hipocrisia dos adultos na liberação do álcool e tabaco; o domínio do poder econômico. Escuto-o em "aparente estado de neutralidade", embasbacado pela estrutura coerente e clara do seu pensamento. Seria uma reprodução automatizada de discurso incorporado, ou uma produção criativa de um jovem com visão crítica dos homens, um filósofo surpreendente? Mantém-me atento e interessado em sua pessoa.

Carlos tem apenas 14 anos. Filho único, acredita não necessitar mais dos pais: pode trabalhar, conta com a herança familiar, mas prefere sentir-se independente e utilizar seus próprios recursos. Está escrevendo um livro sobre "como a humanidade pode se exterminar". Suas idéias são valentemente defendidas; argumentos lógicos, coerentes e profundamente elaborados. "Só existe aquilo que é sensorial e fruto da razão". Analisa seu pai: "põe defeito em tudo"; "só pensa em dinheiro" e "sem moral para se impor"; "traiu minha mãe" e "não consegue viver com ninguém". Dele depende, no momento, do dinheiro e das imposições legais. Vive há um ano com ele. Morou dos 2 aos 13 anos com a mãe e não vê razão para procurá-la.

Carlos relata sua vida amorosa: está comprometido com uma jovem universitária, alguns anos mais velha, com quem pretende viver junto no próximo ano. Sente-se atraente e maduro por despertar o interesse de uma mulher mais velha. Não se importa com a idéia de que ela pode ser um pouco sua mãe. Observa não ver nada de mais em transar com a mãe; "os animais não fazem esta distinção"; "é uma convenção imposta pela sociedade e não algo espontâneo da natureza básica do animal homem". Mas, "não transaria com ela"; "é velha, usada e antiquada". Com sarcasmo, acrescenta: "é desnecessário, tenho uma garota". Entende que "as relações humanas se baseiam em esquemas lógicos, cujo substrato é a competição entre os seres na luta entre viver e morrer"; "o que existe são momentos"; "o tempo não existe"; "viver é buscar o prazer". Conclui: "que adianta pensar no amanhã, se o que sei é que estou vivo agora?". Carlos permanece com um sorriso de Monalisa iluminando seu rosto. Põe em cheque a integridade emocional do psicanalista. Tenho ao meu

lado um parceiro e um rival, hábil e delicado no trato de suas potencialidades psíquicas. Está prestes a ser reprovado na escola, não consegue se concentrar nos estudos e sofre de úlcera gástrica. O analista se sente impactado, como um aprendiz diante do mestre, cujos conhecimentos e ousadia abrem caminhos filosóficos surpreendentes. O paciente é uma criança-adulta que desperta admiração, ironia, inveja e raiva nos pais (Levisky, 1999b).

Comentários

A depressão pode ser encontrada como parte do processo de elaboração da adolescência. Abrange diferentes vértices do mosaico que constitui a identidade: corporal, das relações de objetos internos e do *self*¹, da reestruturação narcísica, das questões tópicas que afetam o ego ideal e o ideal de ego.

O prognóstico do quadro depressivo dependerá das condições do desenvolvimento evolutivo da primeira infância, dos eventos traumáticos sucessivos passados e atuais, da flexibilidade dos mecanismos defensivos, do grau de fixação e regressão, e das possibilidades de redistribuição das catexias, em função das experiências vivenciadas e do meio ambiente.

Dificuldades na elaboração das depressões podem ser agravadas por questões estruturais da personalidade e estimuladas pelas características da cultura contemporânea.

Do ponto de vista clínico, as depressões narcísicas podem estar presentes em quadros clínicos cíclicos do humor, psicossomáticos, fóbicos, distúrbios caracteriais e de conduta.

Durante a crise da adolescência, há um conflito gerado pelo desinvestimento da vida infantil e um reinvestimento das funções egóicas, do *self* e das relações de objeto. Podemos entender que, nessa fase do desenvolvimento, os aspectos da vida mental primitiva emergem com intensidade, devido ao enfraquecimento do ego. Este, por sua vez, sofre as transformações que ocorrem em relação ao ego ideal e ao ideal de ego. A imagem de si deixa de corresponder ao que era, e ainda não há uma outra a ser investida, pois está em construção. Essa condição gera um sentimento depressivo que atinge a auto-estima.

A auto-estima é um afeto com íntima conexão com a libido narcísica. Esta, por seu turno, investe as representações iniciais indiscriminadas *self*/objeto primitivos. Com a existência de um ambiente facilitador, esses inves-

timentos iniciais possibilitam o desenvolvimento do sentimento de integração, de coesão em torno de um eixo e da definição de limites, que irão constituir o sentimento de unidade, de sujeito, com discriminação progressiva entre o "eu" e o "não-eu".

A realização dessa pré-concepção de unidade é um momento fundante do narcisismo positivo, fruto das catexias libidinais e do encontro, no meio ambiente, de condições facilitadoras para essa integração das diferentes partes que constituem o *self*.

Esta relação indiscriminada *self*/objeto equipara-se à "estrutura sincicial"², descrita por Bleger (1973). O desenvolvimento dessa organização primitiva contém o narcisismo primitivo (primário), cuja compreensão é de fundamental importância para a apreensão de muitos fenômenos da adolescência. Dependendo de sua intensidade, duração e elaboração, poderá trazer sérias conseqüências para o processo de identificação e identidade do jovem (Levisky, 1999a).

A relação *self*/objeto primitivos evolui para discriminações entre representações do *self* e do objeto, possibilitando o investimento narcísico do *self* e das representações de objetos. O investimento narcísico implica em catexias voltadas para o *self* e que organizam o sentimento de auto-estima (eu me amo) e catexias direcionadas à escolha do objeto (sou amado) e, conseqüentemente, ao objeto em si, como unidade independente.

Partindo dos conceitos de *self* utilizados por Storolow e Lachmann, estas catexias correspondem aos investimentos direcionados à pessoa total de um indivíduo, incluindo: corpo e suas partes e a organização psíquica e suas partes. Consideram que "uma atividade mental é narcísica no grau em que sua função é a de manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a tonalidade afetiva positiva de representação do *self*" (1983, p. 22).

Nas depressões narcísicas durante a adolescência, emergem feridas narcísicas (sentimentos de fracasso, de incompetência) e rebaixamento da auto-estima, resultantes de experiências remotas – na estruturação *self*/objeto primitivos – e atuais, diante das in experiências egóicas e do elevado nível de expectativas.

As frustrações narcísicas podem desenvolver mecanismos punitivos, auto e heteroagressivos intensos, aumentando as feridas narcísicas e o rebaixamento da auto-estima.

A análise dessas situações revelam diferentes caminhos geradores do sentimento depressivo:

a) predomínio de aspectos relacionados à perda objetal, mais na linha da melancolia (negação do luto);

b) prevalecem aspectos regressivos ou de fixações de elementos no desenvolvimento evolutivo (paradas, distorções) das relações *self*-objeto. Não raro, esta discriminação é difícil, quando aspectos muito primitivos da estrutura sincicial, antes da discriminação *self*/objeto, estão presentes.

O ego fragilizado do adolescente pode utilizar defesas narcísicas como recursos para manter um sentimento de coesão estrutural, por meio de regressões e fixações frente aos sentimentos de vazio, incompetência e impotência, oriundos do desinvestimento da vida infantil, enquanto se estrutura a nova identidade. Nessas condições, as representações do *self* e do objeto se organizam em um momento mais primitivo do desenvolvimento do mundo representacional, para preservar um sentimento de coesão.

Cria-se uma defasagem entre aspectos idealizados do *self* e dos objetos projetados no ideal de ego (valores éticos, morais e outros aspectos da identidade) e as condições egóicas para lidar consigo e com a realidade objetiva. Esta defasagem dá origem a feridas narcísicas e a sentimentos que comprometem a auto-estima. Geram depressão e agressão pelas frustrações causadas por essas relações, que dificultam o indivíduo de se sentir confiante dentro dos seus limites e possibilidades. Surgem aspectos antagônicos do *self*, que não são incorporados a ele, e que podem ser vivenciados como corpos estranhos a esta unidade. São aspectos do *self* que escaparam à eficiência dos recalques.

No caso de depressões do tipo melancólico, a representação do objeto perdido na vida real não se transforma em uma representação psíquica do *self* como qualidade psíquica incorporada ao ego ou ideal de ego. Desta forma, o sujeito não transforma e não dá continuidade ao objeto perdido por meio de uma qualidade psíquica. Surgem sentimentos e fantasias altamente destrutivos, que se voltam contra o *self* e contra o objeto interno.

Carlos, por intermédio de sua capacidade de racionalização, defende-se com arrogância, superioridade, suposta independência dos objetos provedores, com perda da possibilidade de observar a si e ao mundo por outros vértices que não os da sua verdade. Sua história de vida é marcada por frustrações nas relações afetivas básicas, levando-o a se organizar por meio de um falso

self, amadurecido precocemente do ponto de vista racional, mas pobre de percepção e crítica em relação aos afetos oriundos de suas experiências emocionais. Profundas feridas narcísicas e uma rebaixada auto-estima fazem-no contra-actuar. São mobilizadas defesas narcísicas para aplacar o profundo vazio que carrega em relação às suas expectativas narcísicas. A racionalidade tende a explicar tudo, na função de continente, mas não preenche a ameaça disruptiva de desorganização do *self* e pobreza de objetos bons, frente a um ego fragilizado.

Ele é filho único, fruto de uma relação precocemente frustrante. Não esperado, viveu o drama das relações parentais agressivas e pouco continentais, resultando em separação do casal logo após seu nascimento. Muito adulto do ponto de vista intelectual, utiliza a racionalização como defesa frente ao sentimento de desamparo e à ferida narcísica. Aparente tranqüilidade e sabedoria escondem a arrogância, como tentativa preservadora do sentimento de coesão e auto-estima. As imagens parentais da infância encontram-se denegridas. Subjacente ao saber racional, há um vazio (pobreza) afetivo. Talvez daí tenha surgido a associação, contratransferencial, com o tema do livro *O príncipe e o pobre*, reveladores de aspectos cindidos do *self* e do objeto.

Para se defender das feridas narcísicas, encobre sua depressão, refugiando-se na racionalização e no que Bion chamou de "reversão da perspectiva" (Zimmerman, 1995). Isto é, Carlos tem um ângulo fixo de observação, perdendo a possibilidade de observar o fenômeno por outros vértices e, assim, confrontar idéias, pensamentos e sentimentos. Esta pode ser uma forma de defesa narcísica frente à dor pela ameaça que representa a desorganização do *self* e a desilusão narcísica.

Quando o adolescente suporta essa dor, ele se reorganiza em um estado novo de percepção e recupera sua auto-estima. Falhas primitivas na organização narcísica do *self* (relação *self*/objeto primitivos) podem gerar arrogância ou uma espécie de hibernação, um tipo de depressão narcísica, espécie de defesa contra uma vivência de ameaça de caos interior.

Outras vezes, a frustração dos ideais narcísicos no confronto com a realidade subjetiva ou exterior pode gerar ou reabrir profundas feridas narcísicas, diminuindo o sentimento de auto-estima. Estas feridas promovem sentimentos de culpa e depressão pela defasagem existente entre os ideais narcísicos, projetados no superego, e as possibilidades egóicas. Esta depressão pode ser produzida por falha na elaboração dos lutos (falha da elaboração depressiva de Klein), assemelhando-se à melancolia. Pode também produzir estados de

prepotência, arrogância ou de auto-agressão (suicídio, abandono de si, drogadição e certas reações psicossomáticas).

Questões relacionadas à cultura contemporânea podem interferir no desencadeamento e manutenção das depressões narcísicas. Cito alguns de seus componentes, que afetam o desenvolvimento da relação *self/objeto*, ou valorizam aspectos narcísicos, tanto como valor de cultura como o contrário, estimulando o narcisismo funcional como defesa frente a sentimentos de depressão e fracasso na conquista da autonomia:

a) a velocidade das transformações tecnológicas; a fragmentação das relações temporais; as quebras constantes dos valores éticos e morais; a democratização da informação e do consumo; a maior tendência ao individualismo; satisfação imediata e concreta dos desejos estão estimulando uma liberação maior da realização de fantasias e dos processos primários do pensamento, incluindo o *acting out*. Vive-se freqüentes contradições, como o aumento das liberdades sociais e maiores dificuldades para se encontrar os limites e as responsabilidades;

b) aumento das pressões internas e externas sobre o aparelho psíquico e uma tendência à diminuição dos elementos defensivos estruturantes internos e sociais;

c) pensamento robótico, que desconsidera os aspectos subjetivos de cada situação, frente ao homem dialético, organizado cada vez mais segundo sistemas policêntricos (Ogden, 1992);

d) o aumento de liberdades sociais e a maior escravidão histórica exercida pelos poderes da mídia e de grupos econômicos. Poderes que controlam com imensa superioridade a população e ameaçam a autonomia de muitos estados e que interfere direta e indiretamente no mundo interno de cada um de nós. Efeito dominó, globalização, questionamentos se podemos viver juntos, em sociedade, diante de tantas semelhanças e diferenças, verdadeira Torre de Babel (Touraine, 1997). A família nuclear está enfraquecida. Surge a nova família: casamentos múltiplos, casamentos homossexuais, gestações tecnológicas diminuindo o valor social do pênis e da vagina. Pais e filhos confusos em papéis, funções e identidades; mudanças dos valores sociais da relação mulher-homem.

Nas relações vinculares primárias atuais, os filhos correm o risco de encontrar pais fragilizados, imaturos, mal-orientados e abandonados pelo distanciamento que vivem de si mesmos, perturbando o processo de identificação primária.

Situações que são agravadas por estados de miserabilidade, violência social, desemprego e desesperança. Condições que interferem na estruturação e integração do *self* e na dinâmica dos processos de simbolização (Winnicott, 1975).

A cultura contemporânea tem estendido o processo da adolescência, que tende a não terminar. Prolonga o conflito edípico e exacerba os aspectos narcísicos primitivos. Isola o sujeito da vida comunitária, fragmenta relações e reforça a participação em grupos, cujas satisfações narcísicas prevalecem, em detrimento do bem-estar comum e do convívio social integrado.

A ambivalência e defesas narcísicas, agravadas na adolescência, são incrementadas pela era das incertezas e dos medos, contraposta com a do "vale-tudo", estimulando o sentimento de desesperança e de perda de solidariedade, complementando o círculo que incrementa as depressões narcísicas.

Winnicott (1960) sugere que o superego só pode se organizar e alcançar um caráter civilizado se tiver um desenvolvimento e integração adequados dos elementos primitivos do *self*. São condições que possibilitam o processo identificatório e seu conjunto de valores éticos e morais. Desta forma, a preservação do sentimento de liberdade depende da identidade, dos aspectos egóicos e superegóicos conscientes e inconscientes, estruturados desde o início do processo simbólico (Winnicott, 1969). Portanto, por intermédio da cultura, o indivíduo organiza seu *self*, a vida pulsional e as funções que possibilitarão a interrelação nos níveis intra, inter e transpsíquico. Uma cultura pouco continente e capaz de gerar dissociações contribui para uma organização falha da estrutura e da dinâmica do sujeito, das relações familiares e da sociedade.

No passado remoto, mitos e ritos marcavam a passagem do tempo: nascimento, adolescência, casamento, fertilidade e morte. Na sociedade contemporânea, os mitos e ritos universais estão esmaecidos, enfraquecidos. Eles dão lugar a uma hipertrofia dos mitos e ritos individuais, ou de pequenos grupos que se constituem como autônomos, dentro de uma sociedade maior, com a qual pouco se comunicam. A conseqüência é uma realidade psicossocial confusa e dissociada, que compromete a capacidade de convívio comum e a integração do sujeito. Nessa encruzilhada de valores, de inter-culturas que ampliam as relações e isolam o sujeito em seu individualismo, em um universo cada vez mais unido pela informação e velocidade das comunicações, vivem-se desdobramentos que contribuem para que o sujeito se afaste das relações consigo mesmo.

São fatores ansiogênicos, que participam da metapsicologia da depressão, delinqüência, violência, incidência crescente de doenças psicossomáticas,

pânico, suicídio, criminalidade, abusos sexuais e consumo de drogas, especialmente entre os jovens.

Levanto a hipótese de que as maiores liberdades sociais, com atenuação de recalques e repressões, aumentam os confrontos entre as qualidades psíquicas antagônicas que constituem o *self*. Estamos submetidos aos impactos gerados pela velocidade das mudanças externas, com mobilizações constantes e contínuas das expressões pulsionais e de valores que constituem o mundo interno. Formam-se movimentos circulares de interferência inter e intrasubjetivos cada vez mais acelerados, que se inter-alimentam, em um espaço transubjetivo complexo, com configurações instáveis.

Nosso aparelho psíquico parece não estar preparado ou sempre esteve se preparando, para desenvolver recursos, na tentativa dinâmica de alcançar um equilíbrio transitório.

Cocanha, país imaginário no qual todos os desejos se realizam: onipotência, eternidade, abundância, ócio, liberdade e prazer (Franco Jr, 1998). Entretanto, a cultura globalizada quebra parâmetros psicossociais estáveis e contribui para incrementar a banalização da vida, do sexo e da violência. A desvalorização do sujeito.

O poderio destrutivo e a velocidade das transformações tecnológicas, éticas e morais nunca foram tão intensas e mereceram tanta observação e reflexão.

Milhões de jovens têm sido levados ao sacrifício por meio das guerras promovidas pela sociedade adulta, em nome da pátria; outros, abandonados, desrespeitados, sem esperança.

Tende-se à perda do sentimento de solidariedade. Os germes da violência e do incesto habitam nosso inconsciente e se manifestam: pela perda da capacidade de continência resultante de pressões internas e falência egóica; fomentados pela própria cultura, quando esta perde suas raízes, sua memória e não encontra uma nova ética.

Pergunta-se: qual será o destino do Complexo de Édipo diante das conquistas tecnológicas e das mentalidades emergentes? Existe risco do mito edípico não se configurar? Qual será o destino psicológico das crianças oriundas de gestação tecnológica, das novas famílias ou estimuladas precocemente para a vida sexual? Será Carlos o protótipo do ET, fruto de nós mesmos, no percurso de volta para o futuro? O tempo nos dirá.

Notas

1. O conceito de *self* utilizado neste texto aproxima-se do conceito empregado por Hartmann, quando distingue o ego como uma organização mental objetivamente descrita e o *self* como sendo a representação que é investida no narcisismo. Não será possível, nesta oportunidade, discutir as várias questões que envolvem o conceito de *self*, desde Freud, Klein, Kohut, Winnicott.
2. "Estrutura sincicial": Bleger caracteriza um estado mental primitivo de não-diferenciação, de não-discriminação ou fusão; representa os primeiros estádios do desenvolvimento; estrutura que persiste ao longo da vida; de sua permanência e variação dependem a identidade (Bleger et cols., 1973, p. 9-10).

Referências Bibliográficas

- BLEGER, J. et cols. *La identidad en el adolescente*. Buenos Aires: Paidós-Asappia, 1973.
- FRANCO Jr., H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JEAMMET, P. La dépression chez l'adolescent. In: LEOVICI, S.; DIATKINE, R.; SOULÉ, M. *Traité de Psychiatrie de L'Enfant et de L'Adolescent*. Paris: PUF, 1985. vol. II. p. 305-325.
- LEVISKY, D. L. *Adolescencia: reflexiones psicoanalíticas*. Buenos Aires: Lumen, 1999a.
- _____. Adolescencia hoy: El tiempo pasa con el pasar del tiempo, un pasatiempo. Diálogos adolescentes. *Anales del VIII Encuentro Latinoamericano "Espacio Winnicott", Winnicott, polémico y actual*. Buenos Aires, 26, 27 y 28 de noviembre. Tomo I, p. 255-273, 1999b.
- OGDEN, T. El Sujeto Dialécticamente Constituido/Descentrado del Psicoanálisis. *Libro anual de Psicoanálisis. (El sujeto freudiano y las contribuciones de Klein y Winnicott)*. 1992. p. 99-122.
- STOROLOW, R.; LACHMANN, F. *Psicanálise das paradas do desenvolvimento: teoria e tratamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- TOURAINÉ, A. *Pourrons-nous vivre ensemble?: égaux et différents*. Paris: Fayard, 1997.
- WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. (1960). Agressão, culpa e reparação. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. (1968). O brincar e a cultura. In: WINNICOTT, D. W.; SHEPERD, D. (org.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1969). A liberdade. In: _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZIMMERMAN, D. E. *Bion da teoria à prática: uma leitura didática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Narcissistic Depression During Adolescence and its Impact on Culture

Abstract

The author focuses on narcissistic depressions during adolescence. Depressive feelings, pains of growing that are typical in this stage derive from narcissistic and a negative self/object relationship, that leads to disinvestments and reinvestments of the subject in his search for the adult identity. External stimuli that can be absorbed in the organization of the new identity and that can be captured in the contemporary cultural context might constitute elements that facilitate and contribute for the formation of the narcissistic and depressive features of the subject, and can cause wounds in his/her self-esteem. This functional organization, that does not allow room for self-fulfillment feelings, nurtures depression. In the psychoanalytic clinics, the number of youngsters who present symptoms of narcissistic depression is becoming increasingly larger. This depression is not always evident from a symptoms point of view as it can be veiled by psychosomatic or behavioral symptoms, but the psychoanalytic approach brings it to light.

Key-words

Adolescence; narcissistic depressions; contemporary culture; psychoanalysis; self/object relationship.

David Léo Levisky

Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Rua Bruno Lobo, 218 – 05578-020 – São Paulo/SP
tel: (11) 3722-1654
e-mail: dlevisky.tln@terra.com.br

– Recebido em 20/03/01 –
– Versão revisada recebida em 06/09/02 –